



**CONSERVADORISMO E ADEÇÃO POLÍTICA DAS
“CLASSES SUBALTERNAS” NA VIDA COTIDIANA**

ISSN 2316-1205

*Conservadurismo y adhesión política de las “clases
subalternas” en la vida cotidiana*

Editor-chefe
Rubens Mascarenhas

*Conservatism and political adherence of the “subaltern
classes” in everyday life*

Editor-gerente
Marcelo Nolasco

Submetido
23-1-2026

Ariovaldo de Oliveira Santos
Universidade Estadual de Londrina, Londrina, Paraná
ID Lattes: 1391366002310803
ID ORCID: 0000-0001-8071-8423
Endereço eletrônico: ariovaldosantos1960@gmail.com

Aceito
10-4-2026

Publicado
4-5-2026

Paula Fernandes D Espírito
Universidade Estadual de Londrina, Londrina, Paraná
ID Lattes: 7004380080441463
ID ORCID: 0009-0005-4573-5822
Endereço eletrônico: paulafernandesdespirito@gmail.com

Como referenciar

SANTOS, Ariovaldo de Oliveira;
ESPÍRITO, Paula Fernandes D.
Conservadorismo e adesão
política das “classes subalternas”
na vida cotidiana. **RBBA-**
Revista Binacional Brasil-
Argentina, Vitória da Conquista,
v. 16, n. 1, e18638. DOI:
10.22481/rbba.v16i1.18638

Resumo: Utilizada em sentido diversos tanto por liberais como por aqueles que se afirmam de “esquerda” a palavra conservadorismo tem servido muito mais a confusões do que esclarecimentos. Se esvazia, por exemplo, a sua vinculação com o terreno histórico que a lançou ao primeiro plano no período da grande revolução burguesa na França, ou, então, se opera com reducionismos que procuram restringir a referência apenas à existência do modo de produção capitalista. Desconsidera-se, neste sentido, que a vida cotidiana e não especificamente o modo de produção capitalista, é o terreno no qual o conservadorismo se expressa. Igualmente se faz necessário considerar, e este é o norte do artigo proposto, que o conservadorismo, enquanto prática social, não está restrito às classes dominantes, sem o que seria impossível explicar, por exemplo, a vitória de Jair Messias Bolsonaro para presidente da República, no Brasil. Neste sentido, o texto constrói sua argumentação partindo de uma hipótese: as ideias conservadoras atravessam a história, estão enraizadas na vida cotidiana das sociedades estruturadas em classes sociais, e assumem em cada tempo histórico uma configuração específica.

Palavras-chave: cotidiano; conservadorismo; sociedade capitalista

Resumen: Utilizada con diversos significados tanto por liberales como por quienes se identifican como de izquierda, la palabra conservadurismo ha servido más para confundir que para aclarar.

Por ejemplo, su conexión con el contexto histórico que la catapultó a la primera línea durante la gran revolución burguesa en Francia se vacía de significado, o se reduce a meras referencias a la existencia del modo de producción capitalista. En este sentido, se ignora que la vida cotidiana, y no específicamente el modo de producción capitalista, es el terreno en el que se expresa el conservadurismo. Es igualmente necesario considerar, y este es el principio rector de este artículo, que el conservadurismo, como práctica social, no se limita a las clases dominantes; sin esto, sería imposible explicar, por ejemplo, la victoria de Jair Messias Bolsonaro en las elecciones presidenciales brasileñas. En este sentido, el texto construye su argumento a partir de una hipótesis: las ideas conservadoras impregnan la historia, están arraigadas en la vida cotidiana de las sociedades estructuradas en clases sociales y adoptan una configuración específica en cada período histórico. **Palabras clave:** vida cotidiana; conservadurismo; sociedad capitalista

Abstract: Used in different ways by both liberals and those who claim to be “left-wing”, the word conservatism has served to create much more confusion than clarification. For example, its connection with the historical terrain that brought it to the fore during the period of the great bourgeois revolution in France is emptied, or, alternatively, it operates with reductionisms that seek to restrict the reference only to the existence of the capitalist mode of production. In this sense, it is ignored that everyday life, and not specifically the capitalist mode of production, is the terrain in which conservatism is expressed. It is also necessary to consider, and this is the direction of the proposed article, that conservatism, as a social practice, is not restricted to the dominant classes, without which it would be impossible to explain, for example, Jair Messias Bolsonaro's victory for president of the Republic, in Brazil. In this sense, the text builds its argument based on a hypothesis: conservative ideas span history, are rooted in the daily life of societies structured into social classes, and assume a specific configuration in each historical period.

Keywords: everyday life; conservatism; capitalist society

Introdução

Conservadorismo se tornou, nos últimos anos, uma espécie de palavra que, de um espectro a outro do pensamento, é colocada em evidência, para legitimar ou deslegitimar práticas que se desenvolvem no interior da sociedade. Assim para aqueles que se dizem liberais, ser conservador é defender os valores individuais mais elevados de uma sociedade, enquanto que para aqueles que se colocam no leque da “esquerda”, o pensamento conservador é uma excrecência histórica, devendo pura e simplesmente, por esta razão, ser rejeitado.

Entretanto, por mais simples que pareça ser a inserção das individualidades neste ou naquele leque, o problema é muito mais complexo. Afinal, se é mais fácil identificar as correntes anti-humanistas, identificando-as como conservadoras (e, em grau mais profundo, reacionárias) por não defenderem a luta por uma sociedade sem classes ou para além da sociabilidade do capital, o que dizer de correntes de pensamento que se identificando como “esquerda” revelam uma faceta humanista, mas querendo resolver este humanismo dentro de uma perspectiva de higienização da sociedade burguesa?

O iluminismo e a resposta conservadora

No que concerne a sua expressão na sociedade burguesa, o conservadorismo se constitui como expressão ideologicamente de desdobramento da Revolução Francesa de 1789, sem, contudo, representar seu aprofundamento. Assim, abordar o problema do conservadorismo implica, antes de tudo, situá-lo historicamente, ou seja, buscar suas raízes, como o faz, entre outros, Irving Zeitlin, em seu clássico livro *Ideologia y teoria sociológica* (1970). Para o autor, o conservadorismo se revela como a reação “à filosofia do iluminismo” na qual os “filósofos”, experimentavam “uma grande confiança na razão e a observação como meio para resolver os problemas humanos” (Zeitlin, 1970, pág. 47). No sentido oposto, observa, no entanto, Zeitlin, caminhou, entre outros, o pensamento de Edmund Burke (1729-1797), uma vez que este “expressou a crescente reação nacional e conservadora contra os princípios do iluminismo e da Revolução Francesa”. Neste sentido, as “reflexões críticas de Burke contribuíram muito, não só na Inglaterra, mas, também, no continente, para a formação de uma filosofia política e social conservadora” (Zeitlin, 1970, pg. 49).

Contudo, Burke não será o único que, contrapondo-se à filosofia do Iluminismo, encaminhará a reflexão para ressaltar os valores do passado, como atenta, ainda, Zeitlin, ao destacar os elementos contidos no pensamento de Louis de Bonald (1754-1850) e Joseph de Maistre (1754-1821). Formando um grande leque de pensadores que têm como pano de fundo a Revolução Francesa de 1789, destaca Zeitlin:

Os conservadores, como Burke, Hegel, Bonald e Maistre, são chamados assim porque desejavam literalmente conservar e manter a ordem existente. Ademais, alguns deles [...] não ansiavam apenas conservar a ordem existente, como, também, retornar a um *status quo anterior*. A desordem, a anarquia e as mudanças radicais que esses pensadores observaram depois da Revolução, os levaram a elaborar em sua filosofia conceitos que se relacionavam com a ordem e a estabilidade: a tradição, a autoridade, o status, a coesão, o ajuste, a função, a norma, o símbolo, o ritual, etc. Em comparação com o século XVIII, isto constituía uma definida mudança de interesse, que se deslocava do

indivíduo ao grupo, da atitude crítica frente à ordem existente a sua defesa, e da mudança para a estabilidade social (Zeitlin, 1970, pg. 67)¹

O debate sobre o conservadorismo acompanhará, por sua vez, o pensamento social para além das fileiras liberais. Destaque-se, por exemplo, as reflexões desenvolvidas no Manifesto comunista, em sua parte terceira, na qual se discute as várias formas de socialismo no século XIX (Marx; Engels; 2014) e, também, no final do século XIX, em Quem são os amigos do povo e como lutam contra os socialdemocratas, estudo no qual Lênin aponta para o conservadorismo no pensamento subjetivista e nas análises contidas nos trabalhos de Sismondi (1981).

A reflexão sobre o conservadorismo será significativamente contemplada por diversas matizes de pensamento distantes ou tendo por base a matriz liberal, como, por exemplo, Karl Mannheim, em Ensayos sobre sociologia y psicología social (1963). De igual modo, o debate ressurge no interior do pensamento marxista, através de estudos conduzidos por Henri Lefèbvre (1961; 1962; 1968); Georg Lukács (1950, 1979, 1982, 2008, 2010, 2020, 2021) e Ágnes Heller (1991, 2004). No conjunto, é possível identificar, no leque marxista, a leitura de que toda classe que realiza uma “revolução política”, aquela que mantém a base da organização em classes sociais, e não uma “revolução social”, na qual o objetivo final é a emancipação humana dada pela consecução de vida social ancorada em bases comunistas, tende a consolidar novas estruturas de dominação, tornando-se, portanto, conservadoras do *status quo* que lograram estabelecer. Visam, assim, a manter os privilégios conquistados, portanto, seu poder de classe.

Coloca-se, assim, novamente o problema do conservadorismo. Desta vez não está em pauta a superação ou não do feudalismo e sim em como construir o caminho para a superação das bases que, até então, ancoraram a sociedade burguesa, de tal modo a avançar para além da igualdade formal e, conjuntamente, eliminando os elementos que podem conduzir a sociedade a novas formas de burocratismo. Neste sentido são significativas as várias indicações fornecidas por Lukács, em suas entrevistas da fase de maturidade de seu pensamento (2020), mas, também, em Lenin, no seu estudo O Estado e a revolução (2017), no qual atenta para que a

¹ Foge aos objetivos deste artigo uma análise detalhada das correntes identificadas como “conservadoras” no interior do pensamento social pós Revolução Francesa de 1789. A título de contribuição cite-se, aqui, como caminho para entendimento desta questão, além do livro de Irving Zeitlin, Ideologia y teoría sociológica, Buenos Aires, Amorrortu Editores (1970), as seguintes referências: Reflexões sobre a Revolução Francesa, de Edmond Burke. IN: CHEVALLIER, Jean-Jacques, As grandes obras políticas de Maquiavel a nossos dias, Rio de Janeiro, Editora Agir, 1999; Liberalismo, radicalismo, conservadorismo. IN: NISBET, Robert, La formación del pensamiento sociológico I, Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1969; TRINDADE, Liana S., As raízes ideológicas das teorias sociais, São Paulo, Editora Ática, 1978; NETTO, Keila Escorsim, O conservadorismo clássico, São Paulo, Cortez Editora, 2011.

revolução bolchevique, por si só, não seria suficiente para eliminar da vida social as formas de conservadorismo legadas pela sociedade burguesa. Todo o processo deveria contar com uma profunda reforma da cultura, sem o que o novo não poderia brotar a partir do velho.

Portanto, transformações sociais que se pretendem radicais não eliminam mecanicamente a possibilidade de restabelecimento de formas conservadoras de dominação social. Sobretudo em razão de que, transições como as que apontam para a tentativa de superação da sociedade do capital para um novo modo de produção, visando o controle da produção social, ainda caminham sob a sombra do antigo modo de produção e, portanto, dos resquícios de suas bases materiais e ideológicas.

Abre-se, pois, no novo período, um combate que se processa, também, no plano ideológico, profundamente explorado no transcurso de desenvolvimento do modo de produção capitalista. Como reconheciam Marx, em *A ideologia alemã* (2001), nenhuma classe que dominou, no interior da história, o fez sem a cumplicidade tácita dos que se encontravam em posição de subalternidade, fato ainda mais marcante quando se observa o desenvolvimento das sociedade capitalista com o advento da grande indústria, uma vez que as formas de dominação transitaram da violência pura e simples do período da acumulação primitiva do capital, à domesticação do trabalho fabril, no século XIX, concluindo com a incorporação das grandes massas de trabalhadores ao jogo eleitoral, na transição do século XIX para o longo século XX (Mandel, 1985).

Neste sentido, se tornou cada vez mais marcante, nas várias fases do capitalismo, o poder da Ideologia, portanto, do convencimento, dimensão para a qual esteve atento, cumpre destacar, o pensamento de Antônio Gramsci (2001). Ideologia que tendeu a se sofisticar com o aprofundamento da alienação e estranhamento produzido pelas estruturas da sociedade burguesa, sendo uma expressão clássica a adesão das grandes massas de trabalhadores ao nazifascismo e suas variantes, nas primeiras décadas do século XX (Lukács, 1979; Lukács, 2020). Tendência que não cessou na segunda metade do século XX e início do século XXI, sendo uma de suas expressões o neoliberalismo (Mészáros, 2012; Bourdieu, 2001).

Verifica-se, pois, do exposto até o momento, que o embate entre o nascente pensamento burguês e os resquícios do pensamento feudal é o terreno no qual se desenvolveu o conservadorismo, tal como tem sido entendido hoje pela literatura. Neste sentido, destaca Leila Escorsim Netto:

Cumprida a sua *missão histórica* progressista e revolucionária, a burguesia, convertida em classe dominante, deixa de representar os interesses do conjunto da sociedade [...] e é levada à defesa de seus estritos interesses particularistas. O protagonismo revolucionário da burguesia cede lugar a um

desempenho defensivo, voltado para a manutenção das instituições sociais que criou (Netto, 2011, pg. 46).

O desenvolvimento da matriz conservadora moderna, no sentido que tem sido resgatado pela literatura, evidencia, desse modo, que decorreu de uma resposta à burguesia vitoriosa, depois, ela mesma, transformada em fonte de todo o conservadorismo para legitimar sua dominação de classe.

Essas reflexões iniciais se apresentam de fundamental importância para se escapar à simplificação quando se discute a questão do conservadorismo. Trata-se de fenômeno complexo, impossível de ser resolvido no plano discursivo entre atraso e modernidade, e menos ainda de modo idealista, quando se considera, por exemplo, como foi tratado em diversos momentos no interior do pensamento marxistas a partir do debate sobre o burocratismo. Contudo, é um fato que, enquanto o debate no campo do marxismo mais clássico aponta para a necessidade de superação de todas as formas de conservadorismo na vida social, outro foi o caminho seguido pelo terreno ideológico no plano da sociedade burguesa. Esta tem por necessidade fundamental reforçar todas as formas coisificadas, reificadas das relações sociais reforçando assim suas próprias bases, de modo a trata-las, sempre, como inamovíveis.

Vida cotidiana e pensamento conservador

Efetivamente, a vida cotidiana, isto é, o espaço e tempo no qual se encontram inseridos todos os seres sociais de determinada época (Heller, 2004; Kosic, 1981) é marcada por uma série de respostas conservadoras, no sentido de que é necessário um certo pragmatismo e adoção de referenciais minimamente conhecidos e possíveis de serem reproduzidos, a fim de que se possa dar conta da existência biológica e social (Heller, 2004). Neste sentido, o comportamento conservador transcende a sociedade burguesa que se instaura com as duas grandes Revoluções do século XVIII, a Industrial, na Inglaterra, e a Francesa, de 1789.

Contudo, se a vida cotidiana induz a certas práticas “conservadoras”, a fim de que cada indivíduo possa se movimentar em seu interior, há uma outra dimensão, mais elevada, na qual essas práticas se transformam não apenas em respostas pragmáticas para a existência individual e coletivas, mas assumem, efetivamente, o caráter de ideologia a ser assimilada e seguida. A resposta pragmática se transforma em ato de fé (Heller, 2004). Esse é o terreno no qual se expande a ideologia, uma esfera mais específica da vida cotidiana que tem, no entanto, alimentado, de modo cada vez mais fetichizado, mistificado, o agir do ser social no mundo à

luz das estruturas de classes existentes. Ideologia que tem se materializado, cada vez mais, no ideário daqueles que, voluntariamente, se identificam e se afirmam como “conservadores” ou “de direita”.

Busca-se assim, nessa “servidão” aparentemente voluntária à identidade conservadora, a construção de uma determinada identidade social, que, conscientemente ou não, possui conteúdo de classe. Neste sentido, o conservadorismo, não se limita a ser expressão de uma identidade individual. É, sobretudo, perpassado, por uma autoidentificação de classe, na qual setores subalternizados, mesmo não sendo os proprietários dos meios de produção, assimilam aquilo que Konder denomina como “o tipo burguês” (2000). E as estruturas da sociedade de classes potencializam a legitimação desse comportamento, mesmo que por meio de falsificação puramente deliberada, dos mecanismos de “manipulação social”, próprios à fase tardia do capitalismo (Lukács, 1969).

Portanto, compreender o conservadorismo enquanto expressão de uma determinada ideologia implica, necessariamente, olhar para a sociedade de classes e como ela se estrutura. Por outras palavras, o pensamento conservador, enquanto estrutura ideológica e não apenas como forma de manifestação singular deste ou daquele indivíduo, é essencial para a produção e reprodução à sociedade fundada na estrutura de classes.

Recentes caminhos do conservadorismo cotidiano

O quanto as bases do conservadorismo na vida cotidiana resistem é possível de ser constatado nos anos recentes, pela sedimentação, em várias camadas sociais, dos pensamentos que alimentam movimentos de extrema-direita ao redor do mundo, bem como suas expressões regionais, encarnadas, por exemplo, em figuras como Jair Messias Bolsonaro, no Brasil, e Javier Milei, na Argentina. Em ambos os casos, não há como negar a persistência do pensamento conservador (defesa intransigente dos modelos de extração do trabalho excedente, leia-se, mais-valia, em sua forma absoluta e relativa) e, mesmo, reacionário (a busca no passado, superado historicamente, de soluções para os problemas do presente). Agravando o problema, a verificação de que esses posicionamentos contam, cada vez mais, com a adesão não apenas das frações de classe dominantes e de extratos médios, mas, também, encontram forte eco junto às camadas mais subalternizadas de ambas as sociedades, a argentina e a brasileira, para nos limitarmos a esses dois casos. Cite-se, como exemplo, o apoio espiritual e concreto recebido por ambos (Bolsonaro e Milei). Autocratas, logram, contudo, a transmitir a mensagem de que

se encontram “em defesa da democracia”, quando, efetivamente, visam a todo momento solapar as suas bases, ainda que estas estejam ancoradas nos princípios da sociedade burguesa.

É certo que as frações burguesas em ambos os casos, leia-se, fundamentalmente, agronegócio, capital industrial e capital financeiro, criam as bases de sustentação para a eleição e governo desses candidatos. Contudo, apenas este apoio ou os votos das frações dominantes seriam insuficientes para torna-los eleitos. Ou seja, a eleição de ambos não se viabilizou apenas em razão de que os referidos candidatos encontraram guarida, apenas, nas várias camadas da “elite econômica” de cada país.

Curiosamente, assiste-se novamente, como ponto de apoio às recentes manifestações conservadoras, a negação das conquistas estabelecidas na Revolução Francesa de 1789. Reproduz-se, assim, ainda uma vez, os elementos que alimentaram as reações conservadoras de ideólogos como Edmond Burke, por exemplo. O que reforça, ainda uma vez, o caráter ideológico anti-humanista do conservadorismo moderno.

Assim, em pleno governo Jair Bolsonaro, que se encarregou de resgatar o ideário de “alma” e mito”, na esteira da matriz hitleriana, Edmond Burke se viu ressuscitado em Congresso Conservador realizado no Hotel Transamérica, em São Paulo, no ano de 2019. Na ocasião, o então Chanceler das relações exteriores do Brasil, Ernesto Araújo, ocupando a tribuna em um dos hotéis mais luxuosos da capital paulista,

fez uma longa explanação sobre o que é ser conservador. Um dos momentos em que foi mais aplaudido foi quando disse que se descobriu tardiamente adepto dessa ideologia. [...] “O conservador é o sujeito menos preconceituoso que existe. Os nossos adversários é que gostam de pensar por rótulos, palavras de ordem. Para eles existe o gay, a mulher, o operário, o camponês. Para o conservador, existe essa e aquela pessoa. O esquerdismo é totalitário por isso, porque quer totalizar o indivíduo por uma de suas características [...] Ele também se contrapôs ao Iluminismo e à Revolução Francesa e seus ideais de liberdade, igualdade e fraternidade [...] “Voltaire [iluminista francês], começou a querer ‘lacrar’, afirmou. “Ele pegou as instituições de seu povo, milenares, disse que isso não servia para nada, desrespeitando a fé e a monarquia. Voltaire e seus seguidores pediam liberdade, igualdade e fraternidade: liberdade para obedecer ao poder, fraternidade para eu tomar o que é seu e igualdade para ter medo de guilhotina”, afirmou (ZANINI & MELLO, 2019).

Da referida manifestação do então Chanceler Araújo, para quem, ideologicamente, o conservador seria um progressista, ao contrário dos comunistas, se extrai a fonte na qual ele vai se apoiar, ou seja, o pensamento de Edmond Burke, um monarquista. A referência, no entanto,

não foi aleatória, uma vez que se fazia presente no referido evento o empresário Diego Pureza, 28 anos, “um dos sócios do instituto conservador Burke, de São José dos Campos” Guimarães, 2019).

Por vezes tratado como “tradicionalista” e, outras, apenas, como “conservador”, o importante é que, esta ou aquela terminologia adotada não elimina o fato de encobrirem uma determinada ideologia de classe, no tempo presente. E, enquanto manifestação consciente ou inconsciente de uma determinada classe, em seu conjunto, aquela que detém o controle dos mecanismos essenciais da ordem burguesa, estas formas de pensamento se revelam capazes de penetrar nas grandes massas e irradiar valores falsamente identificados como sendo do interesse geral. Disto resulta que setores cada vez mais amplos de trabalhadores formais e informais façam adesão ao canto de sereia do pensamento burguês.

Certamente, a cooptação de parcelas da classe trabalhadora não é fruto do século XX ou XXI. As análises marxianas sobre a luta de classes na França, estudo no qual atenta para a imaturidade do proletariado, ou mesmo o 18 Brumário, destacam, por exemplo, como Luís Bonaparte realizou os interesses das diversas frações de classe burguesas, atraindo para isto, inclusive, parte do proletariado francês e o lumpemproletariado (Marx, 1978).

Essas adesões são viabilizadas cada vez mais na medida em que o fetichismo social se desenvolve, ao mesmo tempo que os problemas essenciais da vida cotidiana se manifestam, inicialmente, de “modo grosseiro”, isto é, sem as devidas mediações teóricas (Abendroth; Holz; Kofler, 1969). Diante da ausência de transparência do social, as respostas se tornam cada vez mais pragmáticas, instrumentais, conduzindo à adesão popular a projetos que são totalmente contrários, em geral, aos interesses das classes subalternas. Trata-se, em geral, de adesão que se dá no plano da inconsciência, sob a forma aparente de escolhas racionais. Desse modo, é no terreno da vida cotidiana que o conservadorismo assume a forma de ideologia capaz de mobilizar até mesmo aqueles que dela não se beneficiam.

Como as classes assumem configurações distintas ao longo da história, a leitura conservadora de mundo também se metamorfoseia, o que obriga, por sua vez, o trabalho contínuo de identificação de sua manifestação e como ele opera na totalidade social, criando barreiras que obstaculizam a superação da estrutura social de classes e a construção de uma nova forma de sociabilidade que não esteja pautada pela exploração da força-de-trabalho, mas, também, formas de resistência. Por outras palavras, tanto a experiência Bolsonaro, quanto a Milei, para nos retermos a esses dois exemplos, exigem uma análise concreta das condições concretas nas quais se processa a dinâmica das classes em cada um dos países e como em cada

um é absorvida, ao mesmo tempo, a dinâmica mundial, inseridas que estão em uma totalidade dada pela fase mais avançada do capital monopólico.

É necessário não perder de vista, como atenta Lukács em suas entrevistas fornecidas no final dos anos 1960, que: “Sempre é preciso começar [...] por questões da vida cotidiana”, ainda que nela, inicialmente, “os problemas ontológicos se colocam num sentido muito grosseiro”. Porém, é tomando este princípio que se colocam as possibilidades de reconhecer que “as atividades espirituais do homem não são, por assim dizer, entidades da alma [...] porém formas diversas sobre a base das quais os homens organizam cada uma de suas ações e reações ao mundo externo”, ou seja, Bolsonaro e Milei não constituem fruto do acaso ou do delírio coletivo (Abendroth; Holz; Kofler, 1969, pág. 12 a 12). Soma-se a isso que:

O complexo deve ser estudado como complexo, para depois chegarmos aos seus elementos e aos processos elementares. Por isto, o problema não é o de encontrarmos determinados elementos para depois construirmos certos complexos a partir de sua ação recíproca [...] Ao contrário, *os processos parciais só são compreensíveis como partes do organismo completo* [...] se quero compreender os fenômenos sociais, devo considerar a sociedade, desde o princípio, como *um complexo composto por complexos*” (Abendroth; Holz; Kofler, 1969, pg. 14 a 16).

O que nos ensina Lukács neste conjunto de passagens? Fundamentalmente, que não é nos retendo na imagem de figuras isoladas, sejam elas as de Bolsonaro e Milei, ou outras quaisquer, que se tornaria possível compreender as manifestações políticas que brotam como se fossem plantas de estufa. A complexidade de cada espaço e tempo (base da vida cotidiana), na qual o ser social se vê obrigado a encontrar respostas para seus problemas vitais, não se dá a conhecer de imediato, ou seja, o concreto, a realidade tal como existe, se manifesta inicialmente apenas de modo “grosseiro”, superficial, fenomênico. Assim, para descortinar o campo nebuloso no qual se constrói a vida cotidiana é necessária uma “análise genética”, um processo investigativo da realidade como um todo e não de suas partes isoladas, sem o que se corre o risco de mistificar ainda mais aquilo que se quer esclarecer.

Esses pressupostos são fundamentais uma vez que dentre as mistificações criadas no âmbito do próprio pensamento que se pretende “crítico”, “marxista”, “de esquerda”, foi, por exemplo, entender a eleição de Jair Messias Bolsonaro ao posto de Presidente da República como basicamente expressão da “desilusão popular” com o Partido dos Trabalhadores, ou, então, como resultado de uma “despolitização das massas” (sem devidamente concretar esta

desilusão), ainda que estes dois fatores não possam ser desprezados no conjunto da análise. Soma-se a isto outros argumentos simplistas que sempre caminham no sentido de buscar um “culpado”. Em um caso, “a mídia”, em outro, “os evangélicos”, e assim por diante. Por fim, o argumento mais corriqueiro, “foi a facada” ou, então, a adesão de empresários à campanha do 00 (supondo-se que exista, como diz o Presidente, o filho 01, o 02 e o 03, é de se concluir que ele seja o 00).

Isso leva a reconhecer que, independentemente de suas vontades individuais, os seres sociais, no complexo espaço e tempo da vida cotidiana, podem assumir posturas que são totalmente contrárias aos seus interesses reais e apoiarem projetos de sociedade que os conduzem para mais distante ainda dos objetivos que orientaram, em princípio, suas ações, como aponta, por exemplo, Pierre Ansart na discussão que estabelece sobre o “individualismo metodológico” (1982). Afinal, a consciência não é de imediato nem consciência de classe e, menos ainda, perpassada automaticamente pela práxis revolucionária. Seu terreno de desenvolvimento é, em geral, a “práxis fetichizada”, na qual a representação da realidade se impõe ao conceito do concretamente existente (Cohn; Fernandes, 1986).

Considere-se, ainda, que a inexistência de transparência na vida social atinge tanto aos proprietários dos meios de produção quanto aos vendedores da força de trabalho. Com a distinção, no entanto, de que os detentores dos mecanismos sociais para a produção e reprodução da estrutura social de classes, são os únicos beneficiários das relações de exploração da sociedade capitalista, ao contrário do que ocorre com o grande imenso contingente da classe trabalhadora e, mesmo, sua totalidade. Reafirma-se assim, hoje, questão já colocada por Marx no século XIX:

A classe possuidora e a classe proletária representam a mesma alienação humana. Mas a primeira se sente à vontade nesta alienação; encontra nela uma confirmação, ela reconhece nesta alienação de si *sua própria potência*, e possui nela a *aparência* de uma existência humana; a segunda se sente aniquilada nesta alienação, e nela vê sua impotência e a realidade de uma existência inumana [...] No seio desta contradição, o proprietário privado é então o partido *conservador*, o proletário o partido *destruidor*. Do primeiro emana a ação que mantém a contradição, do segundo a ação que a elimina (Marx; Engels, 1972, pg. 47).

Isto se confirma plenamente quando não se perde de vista que, ao lado do Congresso Conservador em São Paulo, já referido anteriormente, se constituíam, por parte da chamada “elite”, uma profusão de eventos de mesma natureza, o que foi mapeado pelo jornal O Globo. Tais iniciativas foram bancadas “por empresários da região” onde se realizavam os eventos, os quais eram, “por vezes, ajudados pela cobrança de taxa de inscrição ao público”. O objetivo

geral destes eventos era o de “popularizar e tornar mais acessíveis teses, conceitos acadêmicos e informações sobre o conservadorismo”. Segundo um dos coordenadores do Fórum dos Conservadores do Nordeste, Alexandre Carvalho, por exemplo: “Nosso objetivo é que as pessoas tomem consciência do que está sendo feito no país, do resgate do sentimento conservador que é cultural na família brasileira” (Dantas; Caetano, 2019).

Certamente, não é estranho que as chamadas “elites”, os que têm interesses econômicos e financeiros a defender nesta sociedade, se articulem ideologicamente a fim de fazerem valer seus interesses particulares. Leia-se, por exemplo, a fala de Junior Durski, da rede Madero de Hamburguers:

Tenho muito orgulho de ter votado no Bolsonaro, de ter trabalhado na campanha do Bolsonaro, de ter ido para a rua todas as vezes que tivemos que ir, que vão de novo para as ruas no dia 15 de março, vamos estar juntos”, declara em vídeo publicado nas redes sociais. [...] O empresário também disse que avalia positivamente o governo federal. [...] Sou muito orgulhoso do presidente que temos. Ele está fazendo tudo certo, está mostrando para que veio, com muita força, muita determinação, muita honestidade, muita coragem de enfrentar tudo que tem aí. A gente sabe que o Congresso é muito tendencioso, que eles buscam sempre o interesse pessoal, deixando de lado o Brasil. Têm exceções, tem muito congressista bom, mas a maioria busca o pessoal. Enfim, estamos juntos com o Brasil, estamos juntos com o Bolsonaro (Rocha, 2019).

O que deveria chamar a atenção dos pesquisadores que, opondo-se ao pensamento liberal-conservador e identificados (pelo menos discursivamente) às “correntes progressistas”, é a facilidade com que as “classes subalternas”, “os de baixo”, “usuários”, “sujeitos”, se vinculam ao projeto que é contrário aos seus próprios interesses. E isso só é possível de ser investigado e compreendido objetivamente, ou seja, à luz da estrutura social na qual essas subjetividades ou o ser social inscrito em cada classe se movimentam.

Uma breve radiografia desta complexidade é possível de ser visualizada no quadro que segue, referente ao segundo turno das eleições presidenciais que contrapuseram Jair Messias Bolsonaro, de um lado, e Fernando Haddad, de outro.

VOTAÇÃO 2º TURNO	BOLSONARO %	HADDAD %
VOTOS TOTAIS	48	38
HOMENS	55	33
MULHERES	42	41
16 A 24 ANOS	42	45
25 A 34 ANOS	49	39
35 A 44 ANOS	50	37
45 A 59 ANOS	47	37

60 ANOS OU MAIS	50	34
ENSINO FUNDAMENTAL	39	45
ENSINO MÉDIO	51	35
ENSINO SUPERIOR	54	34
RENDA ATÉ 2 SALÁRIOS	37	47
RENDA DE 2 A 5 SALÁRIOS	55	32
RENDA DE 5 A 10 SALÁRIOS	61	29
RENDA MAIS DE 10 SALÁRIOS	61	32
RELIGIÃO EVANGÉLICA	59	26
RELIGIÃO CATÓLICA	44	43
RELIGIÃO ESPÍRITA	48	39
RELIGIÕES SINCRÉTICAS	62	27
AGNÓSTICOS	46	38
ATEUS	35	61
HETEROSEXUAIS	50	36

Quadro resumido extraído de matéria publicada pelo portal G1 com base em pesquisa do Data Folha, em 26/10/2018. Datafolha de 25 de outubro para presidente por sexo, idade, escolaridade, renda, região, religião e orientação sexual. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/10/26/datafolha-de-25-de-outubro-para-presidente-por-sexo-idade-escolaridade-renda-regiao-religiao-e-orientacao-sexual.ghtml>

A complexidade da vida cotidiana

Quando olhamos para a vida cotidiana é necessário sempre reconhecer que, ainda que se manifeste de forma muito grosseira, é a partir dela que os indivíduos socialmente determinados constroem suas respostas, suas práxis. Entretanto, por lidarem sempre com complexos sociais que se tornam mais complexos quanto mais se desenvolvem, abre-se continuamente a possibilidade de que a práxis a ser desenvolvida não seja, necessariamente, voltada para uma transformação radical das estruturas sociais. Porém, os limites da práxis realizada não têm nada a ver com compreensão muito frequente das análises que “partem essencialmente do indivíduo isolado, entregue a si mesmo” (Lukács, 2010, pg. 35). É o que, em certo sentido, fazem as pesquisas de opinião, que captam os sentimentos dos indivíduos em determinado momento em relação a este ou aquele aspecto da vida, desconsiderando, em geral, que

os modos de manifestação imediata encobrem o realmente essencial no plano ontológico, em parte, nós mesmos projetamos no ser, com silogismos analógicos precipitados, determinações que são totalmente estranhas a ele, apenas imaginadas por nós; além disso, confundimos com o próprio ser os meios com que tomamos consciência de momentos determinados do ser etc. (Lukács, 2010, pg. 37).

Certamente, a práxis da vida cotidiana cria a possibilidade de descortinar o que é efetivamente o real enquanto “totalidade concreta” (Kosic, 1981). Mas a práxis em si não está revestida desta aura, presa que está, em geral, ao próprio pragmatismo da vida cotidiana, isto é,

à busca estabelecida pelo ser social de cada época e situação histórica particular por encontrar respostas para os problemas imediatamente colocados. De tal modo que, “a práxis humana, mesmo quando cientificamente fundada, jamais pode se realizar com conhecimento de todas as circunstâncias, pressuposições e resultados que dela surgem, presentes num dado caso particular” (Lukács, 2010, pg. 63).

Isto coloca, por sua vez, um grande problema no que concerne à práxis do ser social. Objetivamente, ela está impossibilitada de apreender o conhecimento de todas “as circunstâncias, pressuposições e resultados que dela surgem”, de tal modo que o momento de apreensão do concreto torna-se ainda mais débil quando a práxis está orientada pelo “materialismo espontâneo” da vida cotidiana, ou seja, pelo “senso comum”. Afinal, “na vida cotidiana, os problemas da práxis só podem emergir de modo imediato, o que, por sua vez, se absolutizado acriticamente, pode conduzir a distorções [...] da verdadeira constituição do ser” (Lukács, 2010, pág. 69). Distó decorre a legítima diferenciação apresentada por Karel Kosic entre “práxis fetichizada” e “práxis revolucionária”, a primeira pautando-se pela “representação” do real, enquanto a segunda pelo “conceito” do concreto, ou seja, a compreensão objetiva do que é investigado (Kosic, 1976).

Estes breves elementos são, dentro dos limites da exposição proposta, suficientes para situar o problema em sua correta dimensão. Ou seja, compreender o conservadorismo em suas diversas formas e, em particular, nas suas manifestações mais recentes, implica a todo momento reconhecer que ele se funda em determinadas práxis sociais, historicamente determinadas e estruturalmente complexas em sua totalidade, muito embora, em princípio, a concretude da vida social possa parecer de domínio imediato e científico a todos os indivíduos.

Consequentemente, limitar o debate à vitória eleitoral de Jair Messias Bolsonaro é retirar esta expressão política de uma totalidade maior, materializada, por exemplo, no crescimento dos partidos de extrema direita no mundo e que encontra sua base real de desenvolvimento no esgotamento dos modelos de desenvolvimento propostos pelo âmbito do capital, dentre os quais os assentados na matriz keynesiana².

Observe-se, no entanto, que a própria construção do que se convencionou chamar “Estado do bem estar social”, estava permeada pela matriz liberal conservadora, seja de Beveridge, seja de Keynes, o qual declarou, em determinado momento:

² Para uma discussão sobre esta questão ver BRUNHOFF, Suzanne de, *A hora do mercado*, São Paulo, Unesp, 1991.

Como posso aceitar uma doutrina que estabelece como sua bíblia, acima e além de qualquer crítica, um *manual econômico obsoleto* que sei que é não apenas *cientificamente* errôneo, mas também *sem interesse* ou *aplicação para o mundo moderno*? Como adotar um credo que, *preferindo a lama ao peixe* exalta o *proletariado rude* acima da burguesia e da *intelligentsia* que, com todas suas falhas, representa, a *qualidade na vida* e certamente carregam as sementes de todo o avanço humano? Mesmo que precisássemos de uma religião, como poderíamos encontra-la no *desordenado lixo das livrarias vermelhas*? É difícil que um *filho instruído, honrado e inteligente da Europa ocidental* encontre aí seus ideais, a menos que tenha sofrido antes um *estranho e terrível processo de conversão* que tenha mudado todos seus valores (Mészáros, 2010, pág. 60).

O esgotamento dos ciclos de crescimento das economias da Europa Ocidental, iniciado no pós-Segunda Guerra mundial, só tenderam a reforçar as tendências teóricas conservadoras no âmbito do pensamento burguês, seguidas de seu enraizamento progressivo nas massas dos trabalhadores à medida em que as políticas de pleno emprego cederam espaço para aquelas de desemprego em larga escala e de longa duração. Condição nas quais os trabalhadores naturais de um determinado país passaram a disputar mais intensamente espaço com a força de trabalho imigrante, consequência direta da própria ação do capital dos países hegemônicos nos denominados “países periféricos”.

Os exemplos mais evidentes deste recrudescimento ideológico nas fileiras da classe trabalhadora, no plano internacional, se traduzem na adesão de parte da força de trabalho aos partidos e movimentos ultraconservadores, estimulada pelo combate à imigração ou a necessidade de expulsar os imigrantes, a fim de garantir empregos aos naturais do país. Esse elemento tem sido um importante catalizador político ideológico para o pensamento conservador diante da paralisia do pensamento que se pretende progressista.

Estas colocações remetem a um último ponto que se faz necessário tratar dentro da relação práxis, conservadorismo e vida cotidiana. Aquele que remete ao próprio caráter da ideologia na fase tardia do capitalismo. E este ponto tem sido continuamente negligenciado nas análises ou reduzido de suas dimensões estruturais para suas expressões individuais. A análise da ideologia, assim como aquela da práxis e da vida cotidiana, não pode ser separada ou dissociada, em nenhum momento, da concretude histórica na qual se constitui. Tem de ser pensada como manifestação historicamente determinada.

Coube a Ernest Mandel (1983), reconhecer que, na fase tardia do modo de produção capitalista, leia-se, a fase monopólica, a ideologia dominante passou a assumir conotações cada vez mais amplas e conservadoras, no sentido de buscar impedir que o novo nasça, mesmo que

sob a forma de um maior pertencimento das camadas populares à esfera do consumo de mercadorias. Em uma conjuntura de desemprego, na qual a classe operária deixou de “ir ao paraíso” das compras, o reflexo mais imediato, isto é, a reprodução mais imediata do real no plano da consciência empírica, tem sido a de encurtar o caminho das respostas, aderindo e assimilando, portanto, seus interesses ao discurso mais simplista e supostamente “esperançoso”. Assim, “o exemplo das experiências acumuladas, tornadas tradicionais, transforma-se necessariamente em fio condutor das decisões entre alternativas atuais” (Lukács, 2010, pág. 130).

O desemprego desempenha um papel ativo no sentido de reforçar tendências conservadoras junto aos assalariados, o que se acentua na medida em que se encontra um suposto culpado, sendo ele o “imigrante” ou o “comunismo”. E, para responder a ambos, o caminho que se apresenta como fonte de aparente solução é a volta ao passado, fonte segura de todas as respostas fetichizadas de que se tem necessidade para a manipulação da vida social em sintonia com os interesses da classe e faz frações de classe detentoras dos mecanismos de produção e reprodução da vida social.

Isto se evidenciou, por exemplo, na campanha eleitoral de Jair Messias Bolsonaro, apresentada como caminho necessário para o retorno a um “passado glorioso” e perdido no tempo. Mesmo que este passado supostamente glorioso tenha sido o da Ditadura Militar instaurada em 1964.

Para os interesses do capital, a pauta conservadora de Bolsonaro, que, aliás, se alinhava àquelas também conservadoras de líderes de governo em outras partes do mundo, dos Estados Unidos a países da União Europeia, comparecia como veículo adequado, desde que seus efeitos colaterais não eliminassem a diversidade de interesses das frações de classe que lhe davam sustentação política.

Conclusão

Vê-se, pois, que é enquanto complexo que a vida social tem de ser entendida a cada momento as manifestações identificadas cientificamente como conservadoras, sem o que se acaba caindo no formalismo acadêmico de ficar apenas identificando a onda conservadora mundial e a bolsonarista, em particular, como materialização, no plano do Estado, de personalidades dotadas de “carisma”. Isto não significa eliminar o papel do indivíduo e da individualidade na história. É um fato que:

A individualidade pode expressar-se tomando posição contra ou a favor da sociedade existente, nas lutas que toda sociedade deve enfrentar para impor-se praticamente como fase da generidade e pode fazê-lo tanto em nome do passado como do futuro, com o que estes podem significar tanto uma transformação paulatina e reformadora do presente quanto sua derrubada revolucionária” (Lukács, 2010, pg. 101).

Porém, tratar o conservadorismo na perspectiva do indivíduo é perder de vista que a realidade é mediata e configura práxis sociais distintas à luz dos “graus de conhecimento da realidade” assimilados pelos indivíduos. É a partir da apreensão das mediações, unidas a instrumentos reais de luta, como partidos e sindicatos, que se abre a possibilidade de se compreender a sedução de novos e antigos discursos ideológicos e os caminhos para superar o que é conservador e ampliar o que é efetivamente transformador na perspectiva de construção de um novo modo de produção. De igual modo, é necessário nunca desconsiderar que no campo do pensamento as ideias não são marcadas pela neutralidade, e suas implicações possíveis jamais devem ser desconsideradas.

Referências

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. Neoconservadorismo e liberalismo. In: GALLEGOS, Esther (org.). O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018.
- ANSART, Pierre. Las sociologías contemporáneas. Buenos Aires: Amorrortu, 1981.
- BOURDIEU, Pierre. Contrafogos 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BRUNHOFF, Suzanne de. A hora do mercado. São Paulo: UNESP, 1991.
- CHEVALLIER, Jean-Jacques. As grandes obras políticas: de Maquiavel a nossos dias. Rio de Janeiro: Agir, 1999.
- COHN, Gabriel; FERNANDES, Florestan (org.). Capitalismo tardio ou sociedade industrial? In: ADORNO, Theodor. Capitalismo tardio ou sociedade industrial? São Paulo: Ática, 1986.
- DANTAS, Dimitrius; CAETANO, Guilherme. Financiados por empresários e fundação do PSL, fóruns conservadores se espalham pelo país. O Globo, 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/financiados-por-empresarios-fundacao-do-psl-foruns-conservadores-se-espalham-pelo-pais-1-24015828> Acesso em: 15 out. 2019.
- GUIMARÃES, Ligia. Sob gritos de ‘mitinho’, Eduardo Bolsonaro repete gesto de Trump e convoca direita em evento ‘importado’ dos EUA. BBC News Brasil, 11 out. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-50024632> Acesso em: 15 out. 2019.
- GRAMSCI, Antonio. Cadernos do cárcere. v. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

- HELLER, Ágnes. O cotidiano e a história. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- HELLER, Ágnes. Sociología de la vida cotidiana. Barcelona: Península, 1991.
- HOLZ, Hans Heinz; KOFLER, Leo; ABENDROTH, Wolfgang. Conversando com Lukács. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.
- KONDER, Leandro. Os sofrimentos do homem burguês. São Paulo: SENAC, 2000.
- KOSÍK, Karel. Dialética do concreto. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- LENIN, V. I. Obras completas. v. 1. Moscou: Progreso, 1981.
- LEFEBVRE, Henri. La vie quotidienne dans le monde moderne. Paris: Gallimard, 1968.
- LEFEBVRE, Henri. Introduction à la modernité. Paris: Les Éditions de Minuit, 1962.
- LEFEBVRE, Henri. Critique de la vie quotidienne. t. I e II. Paris: L'Arche, 1962.
- LENIN, V. I. O Estado e a revolução. São Paulo: Boitempo, 2017.
- LUKÁCS, György. Essenciais são os livros não escritos: últimas entrevistas (1966–1971). São Paulo: Boitempo, 2020.
- LUKÁCS, Georg. Como a Alemanha se tornou o centro da ideologia reacionária? Maceió: Coletivo Veredas, 2021.
- LUKÁCS, Georg. Estética 1. Barcelona: Grijalbo, 1982.
- LUKÁCS, György. Marxismo e teoria da literatura. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- LUKÁCS, György. Socialismo e democratização: escritos políticos (1956-1971). Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.
- LUKÁCS, György. Prolegômenos para uma ontologia do ser social. São Paulo: Boitempo, 2010.
- LUKÁCS, György. El asalto a la razón. Barcelona: Grijalbo, 1950.
- LUKÁCS, György. Existencialismo ou marxismo? São Paulo: Ciências Humanas, 1979.
- MANNHEIM, Karl. Ensayos sobre sociología y psicología social. México; Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1963.
- MANDEL, Ernest. O capitalismo tardio. São Paulo: Abril Cultural, 1985.
- MARCUSE, Herbert. Razão e revolução. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Manifesto do Partido Comunista. 3. reimp. São Paulo: Boitempo, 2014.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. A ideologia alemã. 2. reimp. São Paulo: Boitempo, 2014.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. La Sainte Famille. Paris: Éditions Sociales, 1972.

MARX, Karl. La lucha de clases en Francia. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Obras escogidas. t. I. Moscou: Progreso, 1978.

MARX, Karl. El dieciocho Brumario de Luis Bonaparte. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Obras escogidas. t. I. Moscou: Progreso, 1978.

MÉSZÁROS, István. O poder da ideologia. 3. reimp. São Paulo: Boitempo, 2010.

NETTO, Leila Escorsin. O conservadorismo clássico: elementos de caracterização e crítica. São Paulo: Cortez, 2011.

NISBET, Robert. La formación del pensamiento sociológico. v. 1. Buenos Aires: Amorrortu, 1969.

ROCHA, Marcos. Sócio de Huck e apoiador de Bolsonaro, dono da rede Madero apoia manifestações de 15/03. Conexão Política, 6 mar. 2020. Disponível em: <https://conexaopolitica.com.br/ultimas/socio-de-huck-e-apoiador-de-bolsonaro-dono-da-rede-madero-apoia-manifestacoes-de-15-03/> Acesso em: 15 out. 2019.

TRINDADE, Liana S. As raízes ideológicas das teorias sociais. São Paulo: Ática, 1978.

ZANINI, Fábio; MELLO, Patrícia Campos. Em congresso conservador, Araújo afirma que Brasil é vítima do climatismo. Folha de S.Paulo, 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/10/em-congresso-conservador-araujo-afirma-que-brasil-e-vitima-do-climatismo.shtml> Acesso em: 14 out. 2019.

ZEITLIN, Irving. Ideología y teoría sociológica. Buenos Aires: Amorrortu, 1973.